

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLIV



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2023

Ramalho na Academia das Ciências

ARTUR ANSELMO

O ano lectivo de 1867–1868 chegara ao fim, mas o professor de francês no Colégio da Lapa, no Porto, sabia que os pais dos alunos já não tinham ilusões acerca do futuro da escola: esta, mal administrada nos últimos quatro anos, fecharia portas definitivamente e não haveria novas matrículas, apesar do alto grau de aproveitamento de alguns alunos, entre os quais sobressaía já aquele a quem um dia o seu discípulo Eduardo Coelho chamaria “mestre de medicina e grande europeu”: Ricardo Jorge. A Irmandade da Lapa, proprietária do colégio, desinteressara-se do projecto educativo lançado em boa hora, nos anos 40, por um oficial reformado das hostes de D. Pedro, o rei-soldado cujo coração se venerava precisamente na igreja da Lapa. E os encarregados de educação nem sequer podiam queixar-se do encerramento do colégio, uma vez que o seu último director — o Padre Miguel Homem — resolvera, como recordará mais tarde Ricardo Jorge, “largar o pardieiro da irmandade, enxameando próximo do palacete dos Garrets o colégio da Boa Vista”¹.

Quem era o professor de francês em risco de perder o emprego? Mais conhecido como folhetinista d’*O Jornal do Porto*, autor de crónicas que nada ficavam a dever àquelas com que enriqueceria, anos depois, as páginas famosas d’*As Farpas*, chamava-se José Duarte Ramalho Ortigão. Quanto ao militar liberal que arrendara o colégio à Irmandade da Lapa, era ele o seu pai Joaquim da Costa Ramalho Ortigão, natural de Loulé e falecido em 1863, vinte anos depois de ter dado ao colégio um lugar cimeiro no renque dos estabelecimentos de ensino particular.

José era o segundo filho de uma prole de dez irmãos, fruto do casamento do militar algarvio com a portuense (de Paranhos) Antónia Alves Duarte Silva. Os estudos primários e secundários fizera-os no colégio do pai, especializando-se em didáctica da língua francesa, que mais tarde viria a ensinar na mesma escola,

¹ Jorge, R., *Ramalho Ortigão*. Lisboa, 1915, p. 21.

em acumulação com as funções de prefeito (Como é geralmente sabido, foram seus alunos na Lapa, entre muitos outros, José Maria Eça de Queiroz, Antero de Quental e o já referido Ricardo Jorge.)

Tomada a decisão de se fechar o colégio, abandonando-o à triste sorte de um empecilho ao trânsito local, que o “camartelo vandálico” (a expressão é ainda de Ricardo Jorge) arrasará em 1909, Ramalho Ortigão decide abandonar o Porto e chega a Lisboa em fins de Julho de 1868. Antes mesmo de procurar os amigos que se reúnem no “Cenáculo” da Travessa do Guarda-Mor — Batalha Reis, Eça, Santos Valente, Salomão Sáraga, Antero, Oliveira Martins —, passa habitualmente pelo Grémio Literário, onde calha encontrar um conterrâneo dos mais ilustres, o médico Tomaz de Carvalho, famoso anatomista da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e figura preponderante da Academia das Ciências, de quem se dizia que, entre os títulos que mais prezava, estava o ter nascido na cidade da Virgem. “Olhe que eu sou do Porto” — lembrava Tomaz de Carvalho, como alguém que exibisse uma antiquíssima arma falante². Informado da razão fundamental da transferência do seu patricio para Lisboa, o médico associa imediatamente duas coisas: uma vaga providencial que se dera no quadro do pessoal da Academia e a necessidade de encontrar ocupação para Ramalho, compatível com o seu talento literário e a sua vasta cultura.

Nesse ano de 1868, de acordo com os estatutos da época, era presidente da Academia o rei D. Luís e vice-presidente o Conde d’Ávila, que tanta celeuma provocaria, três anos depois, sendo chefe do Governo, ao mandar encerrar as Conferências do Casino. Ora, quando, numa sessão extraordinária de 1 de Agosto de 1868, se trata do preenchimento da vaga do 1.º oficial da Secretaria, é precisamente Tomaz de Carvalho que propõe a candidatura de Ramalho Ortigão, “o qual tinha habilitações muito superiores às que se exigiam para o lugar vago” (diz a acta), e declare que “ele próprio [Tomaz de Carvalho] o afiançava, além da fiança que o Conselho [Administrativo] arbitrasse para o provimento do lugar”. E assim, como uma outra restrição sem significado especial, Ramalho foi provido interinamente a 3 de Agosto e, por decisão unânime da Assembleia Geral (em votação “por esferas”, isto é, secreta), confirmado definitivamente no cargo em 8 de Outubro de 1868.

² Idem, *Ibidem*, p. 20.

Ao procurar casa nas imediações da Academia das Ciências, encontrou Ramalho, depois de breve passagem pela rua de São Bento, oportunidade de arrendar o último piso de um prédio na Calçada dos Caetanos, e aí viveu até à morte, ao longo de 47 anos.

No século XIX, passou pela mesma casa o seu amigo Oliveira Martins e no século XX ocuparam-na também o casal António Ferro/Fernanda de Castro e o artista plástico Bernardo Marques. Duas inscrições, na frontaria da casa, assinalam esses factos: a colocação da lápide evocativa de Ramalho ocorreu em 1935, sendo orador Reynaldo dos Santos³.

Do desempenho das suas funções burocráticas na Academia falam sobretudo as actas das assembleias gerais, que Ramalho redigia com admirável exactidão e sobriedade. Durante quarenta e dois anos (de 1868 a 1910) conviveu, olhos nos olhos, com 21 presidentes da Classe de Letras e de Ciências, desde o Conde d'Ávila até Veiga Beirão, e com cerca de uma dezena de secretários-gerais, desde Latino Coelho até Cristóvão Aires. Quando Júlio Dantas entrou na Academia, em 1908, surpreendeu-se de que Ramalho não tomasse assento entre os académicos na sala das sessões e fosse postar-se numa "carteira de subalterno — simplesmente, naturalmente, modestamente". Só então se deu conta de que — são palavras suas —, "o grande crítico das *Farpas*, o prosador inimitável da *Holanda*, o estilista erudito do *Culto da Arte em Portugal* (...) não era um académico: era apenas um empregado da Academia, o oficial encarregado de redigir as actas". E remata Júlio Dantas: "Senti-me mal no meu lugar. Por um momento, passou-me pela cabeça a ideia de levantar-me, de descer do meu *fauteuil*, de acercar-me desse homem três vezes respeitável, pela idade, pelo carácter, pelo talento, e de dizer-lhe, com a simplicidade das emoções sinceras: Mestre, trocaram os nossos lugares. Sou eu que devo ficar aqui"⁴.

Em 1895, além de funcionário superior da Academia, Ramalho foi nomeado bibliotecário da Biblioteca Real da Ajuda, cargo que anteriormente desempenharam Alexandre Herculano e, depois, Magalhães Coutinho. Dos cuidados que dedicou às preciosas colecções da Ajuda dá testemunho a carta que Ramalho

³ Santos, R., *Ramalho Ortigão*. Lisboa, Publicações dos Anais das Bibliotecas, Museus e Arquivo Histórico Municipais, 1935.

⁴ Dantas, J., *Grandes figuras*. Lisboa, 1972, p. 21.

enviou a Teófilo Braga depois da proclamação do regime republicano, na qual pode ler-se: “o catálogo, quase completo, e todo ele feito sob a minha direcção, distingue os livros que pertencem à Coroa e os que são propriedade individual do Rei por virem das livrarias particulares dos reis D. Luís e D. Pedro V e haverem sido adquiridos pelo rei D. Carlos por meio de tornas aos co-herdeiros por ocasião do inventário feito por morte de D. Luís”⁵. Esta informação foi preciosa para que, mais tarde, o rei D. Manuel II pudesse receber de volta os livros da sua propriedade particular, que estão hoje em Vila Viçosa.

A popularidade de Ramalho, como homem e como escritor, foi sempre (e continua a ser) enorme, para o que contribuiu poderosamente a publicação, entre 1871 e 1883, dos caderninhos d’*As Farpas*. Pouco antes de completar 50 anos, como o editor David Corazzi lhe propusesse coligir as brochuras mensais d’*As Farpas* em volumes temáticos independentes, circulou um texto de apresentação da obra, que tudo indica tenha sido escrito pelo próprio Ramalho. Vale apenas recordar um passo desse auto-retrato:

O sr. Ramalho Ortigão é dos raros homens de letras a que a sua posição social faculta a possibilidade de realizar uma obra deste género, mantendo-se na estrita neutralidade da análise e no desinteresse da comoção artística. Sem títulos, sem honras e sem proveitos sociais, exercendo, como chefe da secretaria da Academia Real das Ciências de Lisboa uma comissão puramente académica para que foi eleito pela assembleia geral daquela corporação, não militando em nenhum dos partidos constituídos em Portugal, vivendo exclusivamente do livre trabalho artístico, ele apresenta o exemplo pouco vulgar de um literato português mantido pela profissão das letras e resumindo no exercício da sua profissão todas as suas ambições e todo o seu destino⁶.

Com a proclamação da República em 5 de Outubro de 1910, Ramalho demite-se de todas as suas funções, tanto na Academia das Ciências como na Biblioteca da Ajuda. Ao ter conhecimento de que o chefe do Governo provisório era Teófilo Braga, seu velho amigo, — de quem em tempos publicara uma biografia no

⁵ Ortigão, R., “*As Farpas*” na *República*. Org. e pref. de Artur Anselmo. Lisboa, Verbo, 2010, pp. 16-17.

⁶ Folheto-anúncio d’*As Farpas* na edição temática de David Corazzi.

volume 9.º da Biblioteca Republicana Democrática e cujas qualidades de trabalhador incansável elogiou, comparando a persistência de Teófilo à dessa modesta gramínea que dá pelo nome de “escalracho” — escreveu-lhe, no dia 16, a carta atrás citada, onde, a dada altura recordava:

Sabe V. que o meu tão modesto lugar na Academia foi Tomaz de Carvalho quem, numa noite, no Grémio, há 42 anos, mo ofereceu, indo eu três dias depois ocupá-lo sem nenhuma outra espécie de intrometimento da minha parte. As minhas relações com a família real datam da minha entrada na Academia. Latino Coelho, secretário, não querendo pessoalmente levar à assinatura do rei D. Fernando e mais tarde do rei D. Luís os diplomas académicos, delegou em mim, chefe da secretaria, esse serviço, e assim tiveram princípios os contactos de recíproco afecto que certamente determinaram o rei D. Carlos a nomear-me seu bibliotecário. Seria monstruoso que a essa família, à qual na prosperidade eu devi as mais expressivas demonstrações de estima, eu regateasse na desgraça o preito da minha mais saudosa e mais profunda gratidão⁷.

Como reagiu a Academia das Ciências ao pedido de demissão apresentado pelo escritor na qualidade de chefe da secretaria? A resposta encontra-se exarada na acta da assembleia geral de 20 de Outubro de 1910, sob a presidência de Silva Amado:

O Secretário-Geral [Pina Vidal] comunica à Assembleia, e diz que o faz com muita mágoa, o pedido de demissão do cargo de primeiro oficial da secretaria, apresentado pelo Sr. Ramalho Ortigão, cujos serviços prestados à Academia durante quarenta e dois anos o Secretário encarece com palavras de sumo apreço.

O Sr. Teixeira de Queiroz lamenta o facto de que o Secretário acaba de dar conta, mas espera que ele não prive a Academia da presença e da colaboração de Ramalho Ortigão, porquanto era um dever académico o de incluir esse escritor no número dos sócios efectivos da Academia, o que decerto fará a respectiva Classe.

⁷ “*As Farpas*” na *República*, ed. cit., p. 14.

O Sr. Cristóvão Ayres, com palavras de extremado afecto ao escritor e ao amigo, diz que este sabe quanto era sua, de há muito, a ideia acabada de exprimir, entre gerais aplausos, pelo seu colega Teixeira de Queiroz; e enquanto a Segunda Classe não chamasse o eminente escritor para o seu grémio, ele podia desde hoje considerar-se sócio da Academia, eleito por aclamação por ambas as Classes.

A resposta de Ramalho aos seus confrades, além de ser um documento do maior interesse para a compreensão do seu estado de espírito após a mudança de regime político em Portugal, é também um dos melhores testemunhos alguma vez escritos acerca do ambiente académico em que sempre se viveu nesta Casa, ambiente que todos temos o dever de manter imune em cada dia que passa:

A eleição de que fui objecto — diz Ramalho — tem para mim mais alta significação que a de um simples aplauso, certamente imerecido, aos meus modestos trabalhos de escritor. Eu a considero principalmente como generoso testemunho de estima votado ao empregado da Secretaria académica que durante longos anos foi o intérprete burocrático do pensamento dessa corporação, servindo-a com afectuosa fidelidade e devotado zelo. Dessa obscura tarefa eu me dava por bem pago com a intimidade espiritual e com a recíproca amizade em que, durante quase meio século, me foi dado viver entre os espíritos mais cultos de Portugal. Em torno de mim, no sigilo da Secretaria, decorreu em todo esse tempo a vida íntima da Academia. Não fui somente o escrevedor das deliberações, fui também o caixa dos segredos. E devo dizer que, revolvendo hoje esse depósito de confidências diversas, de escola, de seita, de partido, de impugnação filosófica ou de contestação estética, eu não encontro, no fundo da minha memória, senão um puro resíduo de saudade, efervescente ainda de finura e de graça literária, por vezes irónica e mordaz, mas sem nenhuma das máculas com que, em nossos dias, fora dessa privilegiada região, na controvérsia parlamentar e jornalística, tantas vezes se abastarda e avilta a nobre profissão das letras⁸.

Nesta carta, Ramalho lamentava não poder dispor de tempo para dedicar às tarefas académicas, porque, acrescentava, “como escritor eu recomeço

⁸ Ortigão, R., *Figuras e questões literárias*, vol. II. Lisboa, Clássica Editora, 1945, pp. 149-153.

laboriosamente a minha carreira precisamente no momento em que a Academia tão liberalmente lhe coroa o fim”.

É sobejamente conhecida (está hoje disponível nos volumes das *Últimas Farpas* e das *Farpas Esquecidas*) a campanha demolidora dos primeiros governos republicanos que Ramalho empreendeu quando, à beira dos 75 anos, voltou a pegar na pena para sustentar os seus demónios da rectidão, que não eram senão manifestações do seu permanente inconformismo. Um texto que escreveu em 1900 mostra, porém, ao mesmo tempo, como Ramalho sabia conciliar as suas críticas com uma devastadora auto-ironia:

Este curioso ornamento das letras pátrias do último quarteirão do século passado, ornamento a que não terei dúvida de chamar distinto (porque também precisam de ganhar o seu pão os editores que lhe sobreviverem) morreu de uma incompensação de lesões. Matou-o a impossibilidade de ser conjuntamente panfletário e avô.

Sabei, mancebos, que nos não é dado fazer saltar nos joelhos o nosso neto e fazer conjuntamente saltar no arame o nosso próximo. Ou bem que se é pela troca ou bem que se é pela ternura. Por alguma parte se há-de rebentar, porque se não pode ser tudo.

(...) Um velho agressivo faz-me tanta lástima como um rapaz servil e medroso. Para ter licença de morder e para ser belo mordendo, há que ter os dentes todos (menos o do siso se quiserem), firmes, brancos e reluzentes, como os de um tigre novo, e maxilas rijas, de mascar ferro, a fim de que, logo à primeira dentada, ainda que num simples pêssago maduro, se fique sabendo que é assim que se morde. Uma pena que investe tem de deixar ver na escrita, pelo rasgo do estilo, pelo impulso da frase, pela vibração dos vocábulos, que a rege um punho sólido e ágil de atleta e de paladino. Ora eu, ao presente, não presto para morder nem para esgrimir⁹.

Esta referência de Ramalho à esgrima leva-nos a ressuscitar uma carta sua, de 1897, agradecendo a nomeação de sócio honorário da Escola Nacional de Esgrima. Trata-se de um documento cujo encanto literário não esconde (antes

⁹ Idem, “Explicações”, in *Folhas Soltas (1865–1915)*. Lisboa, Clássica Editora, 1956, pp. 274-275.

pelo contrário) a saúde mental de quem a assina. Publicou-a n' *O Comércio do Porto*, em 1952, Fernando de Araújo Lima e, de então para cá, salvo omissão da minha parte, não mais o vi referido. Mas uma carta destas não pode ficar esquecida, e por isso aqui se reproduz:

Lisboa, 26-VI-1897

Ex.mo Sr. António Martins

Meu caro Amigo. — Muito lhe agradeço a minha nomeação de sócio honorário da sua Escola Nacional de Esgrima, distinção tanto mais imerecida quanto eu não sou um homem que sabe bater-se; sou apenas um homem que, quando é preciso, se bate. Considero a sua escola uma das mais úteis instituições sociais, e faço pela prosperidade dela os mais calorosos votos. Todo aquele que não tem a ginástica precisa para se defender quando o agridem, e para castigar, ou com uma espada ou com uma simples bengala, os que lhe faltarem ao respeito que todos nós devemos uns aos outros, torna-se pela sua incapacidade física um elemento perturbador da ordem moral, e é um cidadão desprezível, porque é um caloteiro da honra, cujas dívidas terão fatalmente que ser pagas pelos nervos e músculos dos outros. Além de que, para a dignidade de cada um e para sossego de todos, é útil considerar este fundamental aforismo: É melhor um murro fechado na mão que dois regimentos de polícia a voar. Ora, é pela prática da esgrima, na sua escola, que se chega a esta confiança num sôco e a essa fé numa bengala, que se não aprende nos livros, e que as demais escolas, primárias, secundárias e superiores, infelizmente nos não ensinam. Por isso o abençoa e cordialmente o abraça o seu muito amigo

Ramalho Ortigão

Dir-se-ia — como notou Fernando de Araújo Lima¹⁰ ao dar à publicidade uma cópia do autógrafo da colecção de Alberto Correia — que há nesta carta, e também no texto de 1900 (“Ora eu, ao presente, não presto para morder nem para esgrimir”), um arremedo psicanalítico do inconsciente ramalhiano, a levar-lhe a pena para as recordações da Arca d’Água. Aí, em 1866, quando se entra no Porto pela estrada de Braga, o corpulento Ramalho foi ferido num braço pela espada

¹⁰ Lima, F. A., “Uma carta de Ramalho Ortigão”, *O Comércio do Porto*, 13 de Maio de 1952.

do irrequieto Antero de Quental, que aliás de esgrima nada sabia, pese embora a opinião contrária de Camilo.

Afectado, no último ano da sua vida, por doença cancerosa a que em vão a medicina, com todas as limitações da época, tentou pôr termo, Ramalho foi internado na clínica do médico Henrique Bastos, para ser operado, em Maio de 1915. A intervenção cirúrgica, a cargo de Francisco Gentil, não correu bem, mau grado as ténues esperanças que pareciam animar o escritor, quando escreveu a “Despedida” arquivada no livro de visitantes da casa de saúde¹¹. Em contrapartida, na última carta para o filho ausente no Brasil, datada de 15 de Agosto de 1915, enfrenta corajosamente a situação, afirmando: “O partido que tomei foi de combater pessoalmente o sofrimento pelo único processo de que verdadeiramente dispõe o doente: habituar-se a ele. Trato-me espiritualmente como se estivesse a braços com o câncer ou com outra doença incurável: submeto-me”¹².

Nesta última carta, publicada por Beatriz Berrini, há também uma referência curiosa à enfermeira dos últimos dias de Ramalho, confirmando aquilo que, desde 1916, escrevera o seu genro Eduardo Burnay em carta a Luiz de Magalhães:

Foi assim (...) que na casa da Calçada dos Caetanos apareceu, apresentada e recomendada por uma antiga amiga da família, uma pessoa a quem não poderia, sem injustiça e sem virtual mágoa, além-túmulo, daquele a quem tanto lenitivo trouxeram seus cuidados, deixar de fazer referência. Era a antiga *hospitaleira* Irmã Maria Dolorosa. *Dolorosa* certamente por antítese, pois para o seu doente foi essencialmente não *dolorosa* mas maximamente *consoladora*¹³.

Entretanto, na referida carta destinada ao filho, informava Ramalho:

A minha enfermeira não é destituída de defeitos, mas tem qualidades raras de perícia, de dedicação e da alta caridade puramente cristã. É uma egressa da abolida Congregação das Irmãs Hospitaleiras, criada segundo o modelo francês das Irmãs de Caridade. Foi directora de vários hospitais na província

¹¹ Ortigão, R., “Despedida”, in *Folhas soltas*, ed. cit., pp.3 41-342.

¹² Idem, *Cartas a Emília*. Intr., sel. e notas de Beatriz Berrini. Lisboa, Lisóptima, 1993, p. 180.

¹³ Burnay, E., *Ramalho Ortigão; carta a Luiz de Magalhães*. Lisboa, 1916, pp. 47-48.

e na África. É muito hábil na sua profissão de enfermeira e muito útil ao meu espírito pela prática, em que a acompanho, dos seus exercícios religiosos.

Investigações levadas a cabo sob a direcção de Henrique Pinto Rema dão-nos mais alguns elementos sobre esta freira da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição. Chamava-se, na vida secular, Clara Augusta Madeira de Mira. Nascida em 1858 em São Matias de Beja, entrou na congregação em 1890, tomou hábito em 1891 e veio a falecer em Braga, em 1927. À data da proclamação da República era superiora do hospital cabo-verdiano da Praia. Regressou a Portugal, à força, em Dezembro de 1910, indo depois para o Instituto Branco Rodrigues, no Estoril, e para Paderne, no Algarve¹⁴.

Falecido Ramalho Ortigão em 27 de Setembro de 1915, a sessão da Classe de Letras da Academia, sob a presidência de Henrique Lopes de Mendonça, prestou homenagem ao grande escritor. Das intervenções então proferidas, ficou o seguinte registo na acta da sessão:

O Sr. Presidente propôs que fosse lançado na acta da sessão um voto de sentimento pela morte de Ramalho Ortigão, um dos mais ilustres sócios da Academia e uma das maiores glórias da literatura portuguesa.

O Sr. Moreira de Almeida, em comovidias palavras, lembra que Ramalho Ortigão foi durante quarenta e tantos anos um alto funcionário da Academia, desempenhando com o maior zelo e dedicação o cargo de oficial maior. Quando em 1910 abandonou esse cargo, elegeu-o a Academia sócio efectivo por aclamação. De tão honrosa e excepcional homenagem era bem digno esse homem eminente. Não deve também agora a Academia limitar a expressão do seu sentimento a um voto exarado na acta da sessão. O seu elogio histórico deve ser proferido na próxima sessão pública. Numa das salas da Academia, ao lado de Correia da Serra e de Tomás de Carvalho, deve figurar o retrato de Ramalho, do funcionário dedicado, do sócio ilustre, honra da literatura portuguesa.

O Sr. Carlos Bocage concorda absolutamente com a proposta apresentada. É necessário que a Academia saiba honrar os homens que a honram. Aos

¹⁴ *Crónica do Centenário da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição (1876–1976)*. I — *O nosso livro de família*. Org. de Henrique Pinto Rema. Lisboa, 1976, n.º 615, p. 151.

excepcionais serviços prestados por Ramalho Ortigão à Academia, aos seus extraordinários méritos de escritor, deve corresponder uma consagração excepcional.

O Sr. Coelho de Carvalho propõe que o elogio histórico seja feito ainda este ano. Esse honroso encargo caberá, pela praxe, ao sócio efectivo que for ocupar a vaga deixada por Ramalho na secção de literatura. Não sabe se a Academia deferirá o seu pedido de transitar para essa secção; mas, se assim for, muito se honrará em proferir o elogio.

O Sr. Baltasar Osório associa-se à homenagem prestada a Ramalho Ortigão, que é talvez o escritor que mais influência exerceu na formação do seu espírito. Entende que deve ser regra geral na Academia fazer-se o elogio histórico dos sócios efectivos falecidos, que se tenham salientado em qualquer ramo da Ciência ou das Letras.

O Sr. Almeida Lima associa-se às propostas apresentadas com palavras de elogio ao ilustre morto, bem como Cristóvão Ayres, que aprova também a proposta do Sr. Moreira de Almeida com respeito ao retrato de Ramalho Ortigão.

As propostas são aprovadas unanimemente, ficando a Segunda Classe da Academia encarregada de organizar a sessão pública e o Conselho Administrativo de adquirir, logo que haja verba, o retrato do ilustre escritor.

Como lucidamente sublinhou Júlio Dantas, Ramalho

não era apenas um dos príncipes da literatura portuguesa contemporânea; não era apenas o homem que, com Rafael Bordalo, mais profunda influência exercera sobre a sociedade portuguesa da segunda metade do século XIX: — era a afirmação veemente de um carácter cheio de elevação moral, de nobre independência e de orgulhoso desprendimento. Era um exemplo; era uma lição¹⁵.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 1 DE OUTUBRO DE 2015)

¹⁵ Dantas, J., *ob.cit.*, pp. 21-22.